



FATO ECONÔMICO

7



Confederação Nacional da Indústria

CNI. A FORÇA DO BRASIL INDÚSTRIA

Indústria de transformação cresceu após quatro anos de quedas, mas resultado foi tímido

► A QUESTÃO

Em 2018, a indústria de transformação mostrou, pela primeira vez depois de quatro anos, crescimento em todas as variáveis de atividade medidas pelo Indicadores Industriais da CNI (faturamento, horas trabalhadas na produção, utilização da capacidade instalada e emprego) e na produção industrial, levantada pelo IBGE (PIM-PF). É uma boa notícia, sem dúvida.

Contudo, ao se comparar o crescimento de 2018 com o de anos anteriores, percebe-se que a expansão de 2018 foi tímida. Ainda mais quando se considera a dimensão da queda acumulada nessas mesmas variáveis durante a crise recente, nos anos de 2014 a 2017.

► OS FATOS

O **faturamento** real foi a única variável a registrar crescimento mais significativo entre 2017 e 2018 (4,1%). Contudo, essa taxa de crescimento pode ser considerada apenas mediana na comparação com a série histórica. A média de crescimento (observando-se somente anos em que o faturamento cresceu) alcança 5,3%.

A série atual tem início em 2003, ou seja, são 15 anos de variações interanuais. O faturamento cresceu em 8 oportunidades. Em metade delas, a taxa de crescimento interanual superou os 4,1% de 2018, como se pode ver na Tabela 1, na próxima página.

Ressalte-se ainda que o faturamento real recuou 21,5% entre 2013 e 2017. Assim, o nível do faturamento atual permanece bem distante do registrado em 2013. Na comparação com 2013, mesmo com o crescimento de 2018, a queda acumulada atinge 18,3%.

As **horas trabalhadas na produção** cresceram 0,2% entre 2017 e 2018. A média de crescimento (considerando apenas os anos de variação positiva) é de 3,2%. Desde 2003, foram 8 anos de crescimento, quatro deles acima de 4%. O crescimento de 2018 só supera o observado entre 2012 e 2013, de 0,1%. As horas trabalhadas na produção haviam recuado 21,9% entre 2013 e 2017.

O **emprego** também cresceu 0,2% entre 2017 e 2018. A média de crescimento (apenas anos com crescimento) é de 3,0%. Desde 2003, foram nove resultados positivos; antes de 2018, o menor crescimento anual havia sido registrado entre 2012 e 2013 (0,7%). Entre 2013 e 2017 o emprego havia recuado 16,2%.

A **Utilização da Capacidade Instalada (UCI)** média ficou em 77,6% em 2018, 0,2 ponto percentual acima do registrado em 2017. A média de crescimento em anos de aumento da UCI é de 0,9 ponto percentual. A UCI aumentou na comparação anual em oito dos quinze anos considerados, sendo que em quatro desses anos a variação ficou entre 0,1 e 0,3 ponto percentual.

A UCI média em 2013 havia alcançado 82,5%, recuando nos três anos seguintes (em 2017, a UCI já havia crescido 0,3 ponto percentual frente ao ano anterior). Ou seja, a UCI havia acumulado queda de 5,5 pontos percentuais entre 2013 e 2016. Frente a 2013, a queda ao fim de 2018 é de 4,9 pontos percentuais.

A **produção industrial**, considerando somente a indústria de transformação, encerrou 2018 com crescimento de 1,1% frente ao ano anterior. Entre 2004 e 2018, a produção cresceu em 10 oportunidades; o crescimento médio desses anos é de 3,9%. O crescimento de 2018 é o segundo menor, só sendo superior aos 0,3% de crescimento observado em 2011. Destaca-se ainda que o crescimento em 2011 sucede uma expansão de 10,0% no ano anterior. Já o crescimento de 2018 ocorre após expansão de 2,2% em 2017.

Antes de crescer em 2017, a produção havia caído por três anos consecutivos, acumulando queda de 18,8% no período. O crescimento dos dois últimos anos pouco fez para reverter essa queda: agora, ao fim de 2018, a queda é de 16,0% na comparação com 2013.

Tabela 1 – Evolução da atividade industrial

Varição entre a média do ano e o ano imediatamente anterior

	Horas trabalhadas na				
	Faturamento real	produção	Emprego	Produção	UCI*
2004	6,8%	5,0%	3,8%	8,6%	2,2
2005	-0,5%	2,3%	3,6%	2,4%	0,1
2006	-0,1%	0,0%	2,0%	2,4%	-0,2
2007	6,5%	4,1%	4,3%	6,0%	1,2
2008	6,3%	5,4%	4,7%	3,0%	0,5
2009	-4,7%	-7,7%	-3,3%	-7,0%	-2,7
2010	9,8%	7,8%	5,8%	10,0%	2,7
2011	3,8%	1,1%	2,1%	0,3%	-0,1
2012	1,0%	-1,9%	-0,6%	-2,4%	-1,0
2013	3,7%	0,1%	0,7%	2,8%	0,3
2014	-1,9%	-3,9%	-0,8%	-4,2%	-1,3
2015	-8,9%	-10,1%	-6,1%	-9,8%	-2,3
2016	-12,1%	-7,6%	-7,5%	-6,0%	-1,9
2017	-0,1%	-2,1%	-2,7%	2,2%	0,3
2018	4,1%	0,2%	0,2%	1,1%	0,2
2013-2016				-18,8%	-5,5
2013-2017	-21,5%	-21,9%	-16,2%		
2013-2018	-18,3%	-21,7%	-16,1%	-16,0%	-4,9

* Em pontos percentuais

Fonte: Indicadores Industriais (CNI) e PIM/PF (IBGE)



▶ AS IMPLICAÇÕES

Embora seja a primeira vez, após quatro anos, que todos os indicadores de atividade da indústria de transformação aumentam (tanto os levantados pela CNI quanto pelo IBGE), a atividade industrial segue em patamar muito aquém do observado antes dos anos de queda recente. Há, portanto, um longo caminho a ser trilhado para que a indústria retome o nível de atividade de 2013, o “pico” da atividade.

A indústria inicia 2019 com expectativas muito otimistas e confiança em alta. É o momento de se consolidar essas expectativas e começar a trajetória de retorno para os níveis de atividade de seis anos atrás.

Para isso, é fundamental que se logre obter avanços expressivos na agenda das reformas, com a aprovação de uma Reforma da Previdência robusta, capaz de não só conter, mas reverter a hoje explosiva trajetória do déficit público.

Em especial, também é imperativo que seja apresentada uma proposta de Reforma Tributária ampla, que ataque todos os problemas do sistema tributário atual e que mitigam a competitividade dos produtos brasileiros: o excessivo número de tributos, a elevada complexidade, a instabilidade das regras, a falta de transparência e segurança jurídica, os exímios prazos de recolhimento de produtos e falta de direitos e garantias do contribuinte. Com a reforma deve-se também eliminar a cumulatividade e a tributação sobre exportações e investimentos.